

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**JEANICE DIAS RAMOS**

**Os griôs como mediadores da memória oral dos afrodescendentes  
na cidade de Porto Alegre**

**PORTO ALEGRE**

**2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

**JEANICE DIAS RAMOS**

**Os griôs como mediadores da memória oral dos afrodescendentes  
nacidade de Porto Alegre**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Marlise Giovanaz

**PORTO ALEGRE**

**2011**

Jeanice Dias Ramos

Os griôs como mediadores da memória oral dos afrodescendentes  
na cidade de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Marlise Giovanaz

Aprovado em 07 de dezembro de 2011.  
Banca Examinadora:

---

Profa. Me. Marlise Giovanaz  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Valdir José Morigi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>a</sup> Ana Carolina Gelmini de Faria  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## RESUMO

O presente trabalho trata sobre a vida de três griôs que vivem em Porto Alegre. Griôs são aqueles cidadãos que tem o conhecimento sobre a comunidade. Estes três griôs prestaram depoimento que foi gravado. Contaram sobre suas vidas, relacionamentos, relação de trabalho, envolvimento com a comunidade afrodescendente. São alguns dos recortes registrados em DVD que disponibilizamos para o meio acadêmico, como forma de dar mais visibilidade aos não incluídos.

**Palavras-chave:** griôs, população afrodescendente, memória oral, patrimônio cultural, Porto Alegre.

## ABSTRACT

This paper deals with the lives of three Griots living in Porto Alegre. Griots are those people who have cultural knowledge about the community. These three Griots testified that it was record. They told about their life stories, relationships, working relationships and involvement with the communities of african descent. These are some of clippings recorded on DVD we make available to academic community as a way to give more visibility to the socially excluded people.

**Keywords:** *griot*, communities of African Descent, Oral memory, Cultural heritage, Porto Alegre.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	9
<b>2.1 Memória &amp; história oral</b> .....	10
<b>2.2 Cultura oral, pertencimento e resistência</b> .....	11
<b>2.3 Patrimônio Imaterial</b> .....	12
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	14
<b>4 BIOGRAFIAS</b> .....	16
<b>4.1 Pedro dos Santos Cunha – O Pedrinho do Pandeiro</b> .....	16
<b>4.2 Seu Lelé, o Rei Momo Negro de Porto Alegre</b> .....	18
<b>4.3 Elaine Rodrigues, a militante</b> .....	20
<b>5 DIÁRIO DE CAMPO</b> .....	24
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	27
<b>APÊNDICE I - Cedência de Direito de Imagem</b> .....	29

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem por objetivo discorrer sobre a importância do griô para a memória do afrodescendente de Porto Alegre e sobre aspectos que envolvem a historicidade da capital. Para isto, partimos de uma conceituação do que vem a ser griô. O Griô é um guardião da memória e da história oral de um povo ou comunidade, são líderes que têm a missão ancestral de receber e transmitir os ensinamentos das e nas comunidades. O ser Griô é ritualístico, sua vida é formada por uma preparação onde ele tem o dever de escutar por um determinado tempo, o que para aquela comunidade é sagrado, e posteriormente transmitir esses ensinamentos.

A cultura negra na cidade de Porto Alegre possui alguns marcos físicos e simbólicos. Recentemente a própria prefeitura fez algumas demarcações, em parceria com o projeto MONUMENTA (programa federal do Ministério da Cultura que trata da requalificação de centros históricos). Dois marcos, o do tambor na praça Brigadeiro Sampaio e o da pegada com o mapa da África, na Praça da Alfândega, mas há poucos registros ligados aos afrodescendentes relatando a sua própria história contada. Para tratar sobre memória oral dos afrodescendentes resgatamos o depoimento de três griôs que desenvolveram suas atividades na cidade de Porto Alegre, na segunda metade do século XX. O envolvimento com a cidade é muito grande. Trata-se de três agentes de transformação, formadores de opinião e gente ligada, de uma forma ou de outra, com a cultura local.

Com este trabalho pretendemos identificar as funções exercidas pelos griôs na cidade de Porto Alegre, relacionar essas funções com a preservação oral dos afrodescendentes e ainda, analisar as memórias dos griôs e sua relação com a construção do imaginário dos afrodescendentes.

O fato de estarmos trazendo estes depoimentos evoca o sentido social da Universidade. São pessoas simples, mas que influenciam, ou influenciaram o grupo social a que pertencem. A Academia fica com o importante papel de resgate de informações e do armazenamento para posterior consulta de seu corpo docente e discente. Trata-se do papel dos griôs na preservação da memória oral na comunidade afrodescendente de Porto Alegre. Teremos o registro

pulsante, através de um DVD da manifestação destes três griôs, além das fotografias que foram feitas por Daniela Amaral.

O que eles tem em comum é o amor pelo Carnaval, esta manifestação popular que agrega as pessoas e faz com que vibrem com emoção por sua participação na folia do Rei Momo.

Este elo importantíssimo da união de representantes da comunidade negra de Porto Alegre, com a Academia colocando a disposição a sua estrutura, lembrando que as gravações foram realizadas em seu local de origem, apenas uma em estúdio, com a utilização do estúdio da FABICO- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação para a edição das fitas, revela a capacidade do Curso de Museologia de aproximação com os diferentes grupos.

De certa forma, é louvável esta abertura que a UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul proporciona, através de seus professores que tão bem receberam um trabalho acadêmico deste tipo. Constatamos que a cultura popular é bem recebida na Universidade e pode ser um produto profícuo, buscando atender aos grupos excluídos pela política cultural fundamentada basicamente, no processo da materialidade e questionar a qual patrimônio desejamos preservar. Trata-se de uma forma de resistência, a essência do conhecimento do passado, sendo transmitido para as novas gerações. O pertencimento grupal é uma realidade que devemos levar em conta. Estes griôs são parte importante do processo de pertencimento da comunidade porto-alegrense. A visibilidade de suas ações cooperam na construção do imaginário do negro da capital, suas atividades e ações que resultam num trabalho rico e repleto de significados. Incorporam a resistência de uma cultura negra, com traços populares. A diversidade também tem que ter seu espaço garantido no meio educacional.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Griô é uma palavra abrigada. Vem do *griot* – da língua francesa – que significa contador de histórias.

Na tradição oral griô é um caminhante, cantador, poeta, contador de histórias, genealogista, artista, comunicador tradicional, mediador político da comunidade. Ele é o sangue em que circulam os saberes e histórias, mitos, lutas e glórias de seu povo, dando vida à rede de transmissão oral de sua região e país. (Alquimidia, 2011).

No Brasil a palavra griô se refere a todo cidadão que se reconheça e/ou seja reconhecido pela sua própria comunidade com:

[...]um mestre das artes, da cura e dos ofícios tradicionais, um líder religioso de tradição oral, um brincante, um cantador, um tocador de instrumentos tradicionais, contador de história, um poeta popular, que, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, da oralidade, da vivência e da corporeidade, se torna a biblioteca e a memória viva de seu povo. Em sua caminhada no mundo ele transmite saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a ancestralidade e a identidade de sua família ancestral e comunidade. (AÇÃO GRIÔ NACIONAL, 2011).

São exemplos dos griôs no Brasil:

[...] congadeiro, jongueiro, folião dos reis, capoeira, parteira, zelador de santo, erveira, caixeiro, carimbozeiro, reiseiro, tocador de viola, sanfoneiro, rabequeiro, cirandeiro, maracatuzeiro, coquista, marujo, artista de circo, artista de rua, bonequeiro, mamulengueiro, repentista, cordelista, pajé, artesão e fazedores de todas as demais expressões culturais populares que se desenvolveram e se transmitem por uma tradição oral. Trata-se de um caminhante alegre, afetivo e encantador que entrega a sua corporeidade vivida para ser o registro, a memória viva da rede de transmissão oral no Brasil. O que entra em contato com os griôs têm sua identidade fortalecida e ressignifica o sentido de sua vida a partir de sua própria ancestralidade. (Alquimidia, 2011).

Ainda não foi feito um estudo rigoroso da imagem dos griôs de Porto Alegre, recentemente o griô mais antigo Walter Calixto, o Mestre Borel, faleceu deixando pouquíssimo material sobre o que desenvolvia principalmente em termos de religiosidade, tendo em vista que era um babalorixá. Assim, os griôs escolhidos neste trabalho também, de certa forma, estão idosos e é necessário registrá-los em vídeo, para que as diferentes gerações tenham acesso às informações que eles detêm.

Pretendemos tratar sobre o quão importante é para a nossa sociedade local os registros de nossos griôs, visto que nossa historiografia pouco tem se dedicado ao tema. Salientamos que perfilamos alguns autores expressivos para argumentar nossa fundamentação teórica, levando em consideração principalmente em termos de memória oral.

Lembrando que memória oral, neste caso, confunde-se com tradição oral, os termos são quase que sinônimos.

## **2.1 Memória& história oral**

A opção pela história oral é fruto de uma necessidade de registro de manifestações vivas, repletas de sentimentos, angústias e relato de vivências, experiências bem ou mal sucedidas, mas que tem um significado todo especial para a comunidade. Conforme Cassab e Ruscheinsky “A procura dos significados da vida cotidiana é auxiliada de maneira significativa através da história de vida. As características éticas acompanham esta investigação, uma vez que, ao se dar a conhecer através da narrativa, o outro desvela seu universo íntimo.” (CASSAB E RUSCHEINSKY, 1995, p.7).

Considerando que no mundo em que vivemos atualmente a rapidez é a tônica maior das relações, fica a preocupação com o lugar que destinamos a memória. Por isso abordamos a questão da cultura oral e o que fica de legado para a sociedade, tendo a ver com identidade e a possibilidade de memorizar, mesmo que em parte, o presente. Serão registros, observando como os griôs se manifestam, como uma necessidade de sistematizar suas impressões. Para Rodrigues (2005, p.148) “[...] a memória é um processo dinâmico e conflituoso e que está fortemente ligado a cenários sociais comunicativos.”

A nossa incursão nesse tema é a busca por reconstituir através da tradição oral experiências de vida, em uma possibilidade de conectar passado ao presente. Os registros obtidos dos mestres griôs seria uma forma de perpetuar seus conhecimentos e compartilhá-los aos demais membros da sociedade, na busca de perenização de sua arte, ameaçada de desaparecimento. A preservação, a transmissão e a continuidade do saber-fazer torna-se necessária.

Para Michel de Certeau (1994, p.153) “[...] uma teoria do relato é indissociável de uma teoria das práticas, como a sua condição ao mesmo tempo que sua produção? [...] é um saber-

dizer”. Com este trabalho pretendemos aprofundar aspectos significativos da cultura afro-brasileira da cidade de Porto Alegre, principalmente com relação a manifestação carnavalesca.

Levando em considerações estes autores é que justificamos a relevância dos registros não apenas sonoros, como imagéticos destes griôs, para que, neste suporte, passem para a historiografia oficial, tornando-se uma fonte ampla de conhecimento.

## **2.2 Cultura oral, pertencimento e resistência**

Em Porto Alegre possuímos poucos registros dos griôs e sua participação na cultura oral da cidade, este trabalho visa preservar a identidade destes griôs, colocando seus depoimentos sobre a cultura local, as possibilidades de se ter um registro significativo para as comunidades locais e vislumbra também, uma janela para a preservação da identidade dos afrodescendentes.

De acordo com Jacques Le Goff (2003), “[...] a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.” (LE GOFF, 2003, p. 419). A comunidade escuta com formalidade a estes depoimentos, que são registros de experiências não documentadas. É necessário que se faça um resgate e um reconhecimento da importância destes cidadãos para a comunidade como um todo, trata-se de uma versão do mundo que acontece, visto pelos olhos do griô e que passa pela valorização da identidade do grupo.

Segundo a autora Kalina Vanderlei Silva, ela (a história oral) incentiva que pensemos a oralidade em toda a sua funcionalidade como ferramenta de transmissão de valores, sentimentos, visões do mundo. Enfim, como instrumento de transmissão de cultura (SILVA, 2006, p. 188). Assim, os griôs existentes em Porto Alegre, de certa forma, mantém a cultura da população afrodescendente, seja através de relatos, seja através de posicionamentos em defesa da comunidade negra local. Tais mestres da narrativa são exemplos de como a tradição oral e a memória podem ser enriquecedores para a história de uma cidade. Através do relato de experiências buscamos captar o espírito dos verdadeiros griôs da cidade.

A importância destes depoimentos é imensurável, pois trata-se de registros de cidadãos com uma enorme bagagem cultural, que vem sendo transmitida oralmente há muitos anos. A passagem destas falas em vídeo traduz uma possibilidade de que dados significativos da cultura afro não fiquem perdidos ou dispersos e esse registro permaneça para a comunidade local como elemento de enriquecimento dos saberes e fazeres locais. Portanto, esse trabalho reveste-se de importância cultural atuando como memória social dos afrodescendentes de Porto Alegre. Com este material temos condições de ter a preservação da identidade de um aspecto da cultura afro da Capital, seja através dos depoimentos sobre o Carnaval da cidade, dos locais da boemia na década de 40, assim como a resistência do movimento comunitário.

### **2.3 Patrimônio Imaterial**

A coleta de informações passa pelo patrimônio imaterial. Assim as autoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert na obra *O Tempo e a Cidade*, marcam uma posição ao afirmar “[...] o que propomos é a possibilidade de se explorar o universo das novas tecnologias no tratamento documental como parte integrante dos jogos da memória que se processam no mundo urbano contemporâneo.” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 163).

Mais adiante as autoras salientam que:

[...] o cinema, o vídeo e as instalações, mais contemporaneamente, inauguram a presença das atuais telas de computadores na ambiência museal ao investirem progressivamente no processo de imersão do espectador numa tela dinâmica onde os limites entre o espaço de representação e o espaço físico esvaecem-se. (ROCHA; ECKERT, 2003, p. 167).

A discussão sobre patrimônio imaterial é antiga e instigante, o museólogo contemporâneo Mário Chagas trata de forma mais extensiva questão

[...] o entendimento de que a preservação de um aglomerado de bens (tangíveis ou intangíveis) não constitui por si só um patrimônio. É preciso que tanto o remetente quanto o destinatário dessa prática social reconheçam e agreguem valores a esse mesmo aglomerado de bens, que poderá ser transmitido de uma geração para outra [...] como também poderá ser partilhado numa mesma geração.” (CHAGAS, 2003, p. 97).

Como nos coloca Marlise Giovanaz, em relação ao patrimônio cultural “[...] só podem ser conduzidas com a participação daqueles que criam, não só objetos e edificações, como

também formas menos perenes e visíveis, mas não menos significativas, como referências identitárias, de manifestação cultural.” (GIOVANAZ, 2007, p. 240).

Por sua vez, Leonardo BarciCastriota consulta a página web da UNESCO para citar o patrimônio cultural intangível ou imaterial, “[...] às expressões de vida e tradições que comunidade, grupos e indivíduos em todas as partes do mundo recebem de seus ancestrais e passam seus conhecimentos a seus descendentes”, seria “particularmente vulnerável, uma vez que em constante mutação e multiplicação de seus portadores”. (CASTRIOTA, 2009, p. 208).

A autora Eleonora Zicari Costa de Brito (2006) ao desenvolver um trabalho sobre a cidade de Formosa, em Goiás, não se furta de lembrar Canclini e escreve sobre “[...]os cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam”, de modo a garantir a sobrevivência de algumas das suas tradições. Para isso, “enfrenta a luta de representações que é tão própria de todo esse movimento e segue procurando reverter o prejuízo que a busca desenfreada pela modernidade produziu.”

Assim, o patrimônio imaterial cristaliza momentos da memória que ficam registrados e perpassam a possibilidade de esquecimento. São algumas identidades pinçadas para dar cor ao coletivo.

### 3 METODOLOGIA

Foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa. Neste processo, foram selecionados três depoentes, escolhidos em função da relevância que possuem na comunidade. Os mesmos foram filmados em VT, e a técnica utilizada é de entrevista com poucas perguntas, criando uma situação para que os depoimentos fluíssem naturalmente, sem grande condução, com uma técnica de coleta de dados espontânea, com depoimentos orais. A gravação foi realizada por cinegrafista funcionário da FABICO-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Manoel Quadros.

Os três grãos são: Seu Lelé, antigo jogador de futebol, primeiro Rei Momo Negro de Porto Alegre; Maria Elaine Rodrigues, líder comunitária do Mocambo- Associação Comunitária Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores, e Seu Pedrinho, boêmio da Cidade de Porto Alegre.

A ideia inicial era de fazer filmagens no próprio ambiente do entrevistado. Conseguimos atingir o objetivo em parte. Tanto o Seu Lelé, como o seu Pedrinho, obtivemos as imagens em suas residências. Quanto a Elaine pretendíamos fazer as filmagens na sede da ONG Mocambo, mas no dia marcado o tempo estava muito nublado para filmagens externas e assim escolhemos realizar as filmagens no estúdio da FABICO- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Assim, Seu Lelé, devido a idade avançada foi captado em sua própria residência, já Maria Elaine deu entrevista no estúdio e Seu Pedrinho, em função até de sua cegueira, teve suas imagens capturadas em sua casa.

Cada entrevistado deu o seu depoimento sem uma limitação de tempo, tratando-se de captura de registros o mais natural possível.

Não demos muito acabamento técnico posterior. As fitas serão editadas, com um mínimo de corte, para que os registros fiquem fidedignos e retratem estas figuras em toda a sua abrangência. Para apresentação junto a banca foi realizado uma edição resumida de 6 minutos, trazendo uma amostragem do que foi registrado. A ideia de reduzir para 20min, tempo considerado ideal para cada uma das entrevistas, não ocorreu em função de datas do laboratório da FABICO- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Esta época, fim semestre, os alunos tem muitos trabalhos para serem editados. Não conseguimos datas

suficientes para executar a tarefa, mas já agendamos para a segunda quinzena de dezembro o início das atividades de edição. O produto final ficará em formato de DVD, para ser disponibilizado na biblioteca da FABICO- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e possível de ser reproduzido por interessados no tema.

Com este trabalho buscamos realizar o registro fiel das atividades dos griôs na cidade de Porto Alegre. Trata-se da memória de cidadãos significativos para a comunidade porto-alegrense, mas que talvez até desconheçam a sua importância para o grupo. Considerando que nossa cidade passa por transformações, a história oral destes griôs marca positivamente a necessidade de possuímos seus depoimentos captados por uma câmera. A história oral como opção para pesquisa qualitativamente, representa uma das formas qualificadas para a obtenção e ampliação de conhecimentos. Ao resgatar a história a partir da memória e da identidade social, estabelece-se um respeito pelo valor e importância de cada griô.

## 4BIOGRAFIAS

### 4.1 Pedro dos Santos Cunha – O Pedrinho do Pandeiro



Foto 1, Pedrinho do Pandeiro, fotógrafa Daniela Amaral, 2011.



Pedrinho é um homem negro que nasceu na Ilhota, um dos bairros de comunidade negra de Porto Alegre no dia 1º de julho de 1934. Filho de Isaac Marçal da Cunha, alfaiate do exército brasileiro e Paulina dos Santos Cunhaiyalorixá e dona de casa, Pedrinho é o 11º filho dos 13 que deste casal nasceu.

Neste ambiente cheio de crianças, onde ali brotava a cultura negra, se preservava a religiosidade ancestral da cidade é que cresceu e desenvolveu sua liderança. De sua família herdou o “Trevo de Ouro” bloco carnavalesco criado no terreiro de sua mãe, composto por homens e que na década de 50 foi *hours concourdo* Carnaval, além de apadrinhar várias escolas de samba, Imperadores e Praiana, e clubes negros, Prontidão e Floresta Aurora. Com o Trevo, idealizou muitos projetos, teve sede própria e foi inovador em diversos pensamentos sobre a militância, a comunidade negra e a cultura. Por exemplo, Pedrinho pensa o espaço do bloco carnavalesco ou da escola de samba, como um lugar de formação do cidadão negro, como lugar de demonstração e preservação da cultura herdada pelos nossos ancestrais, idealizando o Centro Comunitário Trevo de Ouro que não saiu do papel.

Pedrinho também foi liderança sindical, era previdenciário e neste movimento participou do movimento pela legalidade, chegando a ficar 45 dias preso.

Fora o momento de luta e trabalho, Pedrinho foi um grande boêmio da noite portoalegrense, onde com seu pandeiro e sua voz afinada, abria o repertório que ia de Lupicínio Rodrigues a Vicente Celestino com muita habilidade e talento.

Hoje Pedrinho está com 75 anos de idade e ainda tem muita história para contar. Ele gosta de falar da posição da mulher na época de sua juventude, que só podia sair em bloco exclusivamente feminino. Tem um carinho todo especial ao falar em suas filhas. E não se furta em emitir opinião quando a questão trata sobre miscigenação. Ele acredita que os mestiços causam alguns problemas sociais.

### **Roteiro de perguntas**

- a) Seu Pedrinho, conta como foi a sua infância?
- b) Como era o Carnaval na sua juventude?
- c) Que tipos de atividades eram desenvolvidas. Ainda é mesma coisa ou mudou muito?

- d) Explica para nós um pouco de sua atividade como sindicalista.
- e)O senhor é muito conhecido como um grande boêmio. Tem seguidores, fez escola. Como era isto?
- f)E a sua vida familiar, fale um pouco sobre isto. Sua mãe era yalorixá não é mesmo?
- g)Eu conheço duas de suas filhas que enveredaram para o mundo artístico. O senhor influenciou estas opções?
- h)E senhor lembra algum episódio em torno do Carnaval que seja engraçado, meio humorístico.
- i)E na boemia, deve haver muitos causos. Pode nos contar algum?
- j)Que mensagem o senhor deixaria para todos os seus fãs, pessoas que o admiram muito e tem no senhor uma referência de negritude, enfim, um griô?

#### **4.2 Seu Lelé, o Rei Momo Negro de Porto Alegre**



Foto 2, Seu Lelé, fotógrafa Daniela Amaral, 2011.

Adão Alves de Oliveira, o seu Lelé, ainda menino na década de 30, conheceu o Carnaval de Porto Alegre. Na época era realizado em cinemas - como o antigo Capitólio – onde se apresentavam os blocos carnavalescos .

Em 1931, com seis anos de idade, assistiu a um concurso do qual participavam, entre tanto outros, o Passa Fome, os Tesouras, Tigre, Tesourada, Borboleta e Chora na Esquina. Ficou encantado.

Seria na década de 40 que seu Lelé entraria definitivamente para a história do Carnaval. Em uma tarde monótona de fevereiro e 1949, enquanto conversava com amigos numa esquina do Areal da Baronesa teria comentado a intenção de criar um personagem. Teria que ser alguém muito simpático e que conquistasse a todos, principalmente os comerciantes, visto que a intenção também era de beber de graça.

Foi preparada uma fantasia meio improvisada, com uma coroa de papelão. E o grupo saiu pelas ruas.

Lelé acabou se tornando o Rei Momo do Carnaval do Areal da Baronesa, um dos mais fortes da cidade. E, mais tarde o Primeiro Rei Momo Negro de Porto Alegre.

Teve também experiência no futebol de campo, nos times Força e Luz e Nacional. Trabalhou como contínuo em diferentes bancos e também na antiga Livraria do Globo. Com 86 anos de idade está lúcido e com muita vontade de viver.

### **Roteiro de Perguntas**

- a) Como foi a sua infância?
- b) Como era a relação com sua família? E os amigos?
- c) Como foi a história de se tornar o primeiro Rei Momo Negro de Porto Alegre? O que significou para o senhor?
- d) O senhor acredita que atualmente seria interessante ter um Rei Momo Negro
- e) Como eram as brincadeiras do Carnaval?
- f) Como o senhor vê o Carnaval de hoje, principalmente, o de Porto Alegre?
- g) Conta um pouco de sua experiência como jogador de futebol?
- h) O assédio das fãs ocorria?
- i) Como o senhor leva a vida hoje em dia? Como é a sua rotina.
- j) Gostaria de deixar uma mensagem aos seus admirados e eternos súditos?

### 4.3 Elaine Rodrigues, a militante



Foto 3, Elaine Rodrigues, fotógrafa Daniela Amaral, 2011.

Maria Elaine Rodrigues Espíndola, 64 anos, professora aposentada de Educação Especial de Braille, foi também professora de inglês e português, para o 2º grau.

Assessora do Departamento de Carnaval da Academia de Samba Praiana, Coordenadora de Ala, Presidente de Ala e Componente de Ala. Lembra com muito orgulho que sua mãe, já foi tema-enredo da Escola. Atualmente é Presidente da Ala denominada “Verde que te Quero Rosa”.

Conselheira do Orçamento Participativo 1998/2000. Delegada do OP. Coordenadora do Conselho Local de Saúde, Região Centro. Foi presidente do Conselho de Direitos Humanos, da Prefeitura. Conselheira da temática de Cultura. Foi Conselheira do CODENE, por três gestões.

Foi Agente de formação política da Associação de Remanescentes de Quilombo. Técnica Multiplicadora do Ministério de Integração. Agente do Programa Quilombolas em Rede. Griô pelo Projeto Museu do Percurso do Negro, do programa MONUMENTA.

Presidente da entidade MOCAMBO- Associação Comunitária Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores. Artista plástica. Afirmo que agora “só quero ser militante”, embora se dedique com muito afinco a família, composta por três filhos.

### **Roteiro de Perguntas**

- a) O que significa, para ti, ser militante?
- b) Como tu te envolves com esta série de conselhos e consegues dar conta?
- c) Os teus filhos estão trilhando o mesmo caminho?
- d) Nós sabemos que para uma ativista as dificuldades em função do gênero sempre aparecem, tu confirmas esta premissa?
- e) Explica pra gente esta paixão pelo Carnaval. Sabemos que em alguns dias tu até te mudas para a Escola?
- f) Uma das atividades que desenvolves com mais afinco é ligada a saúde. Como isto funciona em Porto Alegre?
- g) Qual é a sensação de ser reconhecida como griô?
- h) Vens acompanhando o cenário político e estrutural de Porto Alegre nos últimos anos. Como vês a situação do negro neste contexto?
- i) Acreditas que estejas deixando um legado por tuas diversas participações, para a geração futura?
- j) Atualmente desenvolves a atividade de presidente do MOCAMBO. Sabemos que a instituição vem sofrendo pressões para sair da Perimetral. O que está sendo feito e qual a posição do MOCAMBO perante isto.

## **5DIÁRIO DE CAMPO**

Cada entrevistado teve a sua peculiaridade. Seu Pedrinho, em função da diabetes, é cego, mas tem uma percepção incrível. No início da entrevista estava contido, tinha dificuldade em se expressar. Depois, aos pouquinhos, foi se soltando. Uma das filhas, Nina Fola, acompanhou o depoimento. Cada vez que ela falava ele dava um sorriso de confirmação. Quando foi introduzido o pandeiro, o seu instrumento, ele se transformou em outra pessoa. Ficou falante, contou casos, tocou diversas músicas.

Lembrou muito do Trevo de Ouro, bloco carnavalesco que ajudou a fundar. Estendeu-se também com relação aos costumes da época, da participação das mulheres no Carnaval. Recorda que as irmãs e primas reuniam-se em blocos para também saírem no Carnaval, mas eram agremiações onde só mulheres podiam participar. O fato das mulheres desfilarem nos blocos masculinos não era bem visto entre as famílias. Aponta a mudança da sociedade atual. Tratou também da importância do bem trajar para ser recebido nos círculos sociais da época. Sobre a família dedicou uma parte do tempo a falar, sua relação com as filhas, todas ligadas à música, tanto como cantoras, como percussionistas.

As famílias eram grandes, havia muitas relações entre primos, o que aproximava o grupo. Todos se conheciam desde pequenos, faziam as mesmas traquinagens e conviviam também durante a adolescência. Nos bailes se encontravam e namoravam. O sentimento de amizade é muito grande entre o grupo. Há uma certa lealdade e comprometimento entre seus participantes. Eles são amigos até hoje e para sempre.

Revela o quanto é importante saber se comunicar através da música, tocar um instrumento e o quando o pandeiro representa um estilo musical – o samba – tão forte e raiz tão marcante da comunidade afrodescendente.

O caso do seu Lelé, devido à idade avançada, foi diferente. A entrevista foi marcada com a esposa dele. No dia marcado, pela manhã, ela telefonou dizendo que ele estava sem condições físicas para dar depoimento. Argumentei que poderiam ser apenas alguns minutos, para registro. Quando chegamos na residência ele já estava esperando com seus longos braços, gesticulava muito, pensava bastante para responder com exatidão. Descreveu locais, ruas, travessas onde viveu. As reminiscências sobre o Carnaval são recorrentes. As

festividades no Areal da Baronesa nos arredores da Praça Garibaldi, onde era a antiga Ilhota, se reuniam para dar início ao Carnaval de rua. O Areal da Baronesa é aquele espaço geográfico localizado entre os bairros Menino Deus e Cidade Baixa. Seus moradores, na década de 70 foram retirados e removidos para a Restinga, bairro afastado do Centro da cidade. Hoje o reduto do Areal da Baronesa está restrito a umas poucas ruas e contém o Quilombo Urbano da Guaranha.

Falou de seus diferentes empregos, de como eram feitas as entrevistas para os empregos, de quanto ela se esmerava em colocar uma boa roupa, para causar impressão positiva. Tanto que os seus chefes imediatamente lembravam a ele de trocar a roupa e colocar algo mais simples, de preferência um uniforme. Lembrou que, quando guri, seu primeiro emprego foi numa serralheria. Trabalhava com material pesado. Quando passou para a Livraria do Globo carregava fardos de papel, o que considerou uma evolução. Após este emprego, trabalhou como contínuo no Banco Sul Brasileiro. Foi um homem que teve uma vida boêmia, trabalhou como segurança em várias boates de Porto Alegre. Conseguiu poupar e obteve uma vida tranquila e segura. Tem dois apartamentos, um na Cavalhada e outro no Menino Deus. Citou sua relação com o Carnaval. como os jovens se divertiam com o Carnaval de rua e os blocos de sociedade e como fez amizades fraternas e duradouras.

O que começou com uma brincadeira – o de Rei Momo Negro – e com o evoluir do tempo ele passou a ser reconhecido como tal. Sua esposa participou da entrevista. Ela sugeria situações que ele não concordava totalmente, meditava e dava uma resposta precisa.

Elaine, do Mocambo no dia da pesquisa quebrou um dente da frente. Queria adiar de qualquer maneira o depoimento. Alertamos dos prazos que tínhamos para a coleta de material, não possuíamos data para nova marcação. Imaginávamos colher material no próprio Mocambo, espaço da ONG que fica na Avenida Loureiro da Silva, na Cidade Baixa. Como tinha havido muita chuva o terreno estava encharcado, além disso, a luminosidade do dia não ajudava. Assim, resolvemos gravar no estúdio da FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, a Elaine de lado, para não mostrar a falta do dente.

Ela discorreu sobre a sua relação familiar com os filhos de seu ativismo comunitário e de seu trabalho como professora. Elaine foi incluída na lista de grãos por ser uma mulher, o

que em geral, no senso comum, não caracteriza griô, mas a questão de gênero perpassa por isto e resgata e alia gênero feminino também como griô.

A preocupação maior de Elaine é em relação a família. Seus filhos resolveram seguir a mesma profissão da mãe- professora. Por um lado ela fica feliz em saber que eles trilham o mesmo caminho e por outro fica apreensiva. Explica que dedicou sua vida ao magistério e sabe das dificuldades de um professor, da tarefa árdua que é passar conhecimento aos pequeninos. Viúva recentemente, trata de dar apoio aos filhos que já estão crescidos, mas dependem da atenção e carinho que ela transmite.

Dedica boa parte de seu tempo para os diversos órgãos que participa como representante do Mocambo; no Conselho Municipal do Negro tem assento, no Orçamento Participativo, no segmento Cultura e assim por diante. Durante o dia participa das mais diversas reuniões, opinando firmemente sobre os problemas da cidade. É muito requisitada por conhecer a fundo o funcionamento do Orçamento Participativo. Atualmente defende a sede do Mocambo em região supervalorizada da Capital. Sofrem várias ações para a entrega da sede, mas Elaine está à frente, como a presidente, conversa com os políticos, argumenta. Recentemente recebeu a oferta de casas para cerca de metade dos integrantes do Mocambo. Eles resolveram não aceitar, visto que não contemplava todo o grupo. Tratativas estão sendo feitas e levadas adiante por Elaine que atua com coragem, levando adiante o sonho de muita gente em relação à casa própria.

Cabe salientar que a professora orientadora participou dos três encontros. Contamos com a colega de curso, Daniela Amaral fazendo o registro fotográfico, o makingoff das entrevistas. O cinegrafista da FABICO- Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Manoel Quadros, além de fazer a filmagem, editou a fita, enriqueceu o trabalho fornecendo informações técnicas pertinentes.



## 6 CONCLUSÃO

No mundo das ideias o desenrolar das atividades parecia ser mais simples. As entrevistas ocorreram num clima de cordialidade, as pessoas se expressando livremente, com poucas perguntas condutoras. Cada entrevista durou em média uma hora e meia. Os nossos entrevistados se dispunham a mais, mas como tínhamos o compromisso da edição resolvemos ficar com esta duração.

O material bruto é bastante rico. A FABICO – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação passa a ter em seu acervo um pouco de negritude, Carnaval, movimento social, movimento negro. Trata-se de um registro significativo, pontual, direcionado. Pode vir a ser um elemento importante para dar segmento a outros trabalhos museológicos de colegas do Curso, que se sintam atraídos pelo tema. É um começo, um marco. O Curso de Museologia tão novo, já tratando de tema tão relevante e invisibilizado na maioria das vezes.

Este trabalho que tem como proposta resgatar uma parte da memória da comunidade porto-alegrense através de depoimentos, teve que passar necessariamente pelo Carnaval, abordando um pouco da alegria de um povo pela manifestação de cantorias. Os três entrevistados tinham pendores artísticos, Elaine no dia da gravação não quis cantar, mas manifestou a sua ligação com a música. Seu Lelé e Seu Pedrinho mais que ligeiro mostraram sua veia musical e desfilaram uma série de músicas interessantes e de certa forma muito marcantes, demonstrando uma formação artística. Muitas dessas músicas não temos mais notícia. São resquícios significativos que não se ouve mais. Como não há iniciativas de preservação neste campo cultural, fica assim a marca imemorial destes seres simples.

Os três griôs cumprem um papel importantíssimo no cenário da Capital. Trazem em suas mentes dados significativos de uma época. Ao colhermos seus depoimentos estamos contribuindo para a reconstrução de um período da história e, principalmente, da história dos negros porto-alegrenses. Um período onde as pessoas colocavam suas cadeiras nas calçadas para conversar com os vizinhos, onde as crianças brincavam jogando sapata. Tempos que temos que reconstruir e guardar com a propriedade de estar contribuindo para a guarda de informações preciosas de uma comunidade, como ela se relacionava com o mundo, seus devaneios e sonhos.

Cada um dos griôs deu uma participação expressiva, contando fatos, apontando ruas e atividades que não existem mais, apenas em seus imaginários.

Os entrevistados cumprem com o papel de registrar fatos da comunidade negra de Porto Alegre, tornando visível uma cultura tão forte, que perpassa os anos. A história desses griôs está interligada com a vida social da Capital, formando um mosaico de possibilidades de aproveitamento do material recolhido.

O Curso de Museologia, em seu leque de oportunidades, propicia este encontro com estes entrevistados, dando um impulso marcante e relevante a estas estórias registradas.

## REFERÊNCIAS

**AÇÃO GRIÔ NACIONAL.** Disponível em: [http://www.graosdeluzegrio.org.br/html/acao\\_grio/grios\\_e\\_mestres.htm](http://www.graosdeluzegrio.org.br/html/acao_grio/grios_e_mestres.htm). Acesso em: 11 jul.

**ALQUIMIDIA.** Disponível em: <http://www.alquimidia.org/espacogrio/index.php?mod=paginaid=10147> Acesso em 20 jul.2011.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. Formosa: uma cidade em festa. In: **Entorno que transborda: patrimônio imaterial do RIDE.** Coordenação de Maria Thereza Ferraz Negrão de Mello. Brasília, Petrobras, 2006.

CASSAB, Latif; RUSCHEINSKY, Aloísio. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. In: **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História.** V. 16. Rio Grande: Editora da FURG, 1995.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**; conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo, Annablume, 2009.

CHAGAS, Mário, ABREU, Regina (Orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos.** Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.

GIOVANAZ, Marlise. Pedras e emoções: os percursos do patrimônio. In: **Em Questão.** Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, v.13, n.2, jul/dez 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 5 ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, Ed. Unicamp, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da Rocha, ECKERT, Cornélia. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

RODRIGUES, Georgete Medleg. Memória e esquecimento ou solidão informacional do homem contemporâneo: a metáfora do filme Amnésia. In: **Em questão.** Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. v. 11, n.1. jan. a jun 2005. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique Silva. **Dicionário de conceitos históricos**. 2 ed. São Paulo: Contexto. 2006.

## **APÊNDICE I - Cedência de Direito de Imagem**

### **Cedência de Direito de Imagem**

Eu, fulano de tal, autorizo a utilização de minha imagem, sem nenhum ônus para a proponente do documentário sobre griôs realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Museologia, para o trabalho de final de Curso denominado Oralidade e Memória Social: Os griôs como mediadores dos afrodescendentes na cidade de Porto Alegre.

Assinatura:

RG:

Data: